

O GOZO INTELECTUAL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade
EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente
PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO
EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO
JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL
SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

COLEÇÃO MEIO DE CULTURA

Comissão Executiva
MARCELO KNOBEL (Presidente)
ANDRÉA GUERRA – PETER SCHULZ
SANDRA MURRIELLO – YURIJ CASTELFRANCHI

Conselho Consultivo

JOÃO SCHMIDT – LUIZ DAVIDOVICH – MIGUEL NICOLELIS – MARCELO GLEISER
IVÁN IZQUIERDO – LUISA MASSARANI – SERGIO PENA – ANTONIO C. PAVÃO – MARCELO LEITE
CARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ – CARLOS NOBRE – JOSÉ ANTÔNIO BRUM – CARLOS VOGT
LEOPOLDO DE MEIS – MAURICIO TUFFANI – ALBERTO PASSOS GUIMARÃES
MÔNICA TEIXEIRA – ÍLDEU C. MOREIRA

O GOZO INTELECTUAL
TEORIA E PRÁTICA SOBRE A
INTELIGIBILIDADE E A BELEZA

JORGE WAGENSBERG

Tradução
Simone Mateos

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

W123g Wagensberg, Jorge.
O gozo intelectual: teoria e prática sobre a inteligibilidade e a beleza / Jorge Wagensberg;
tradução: Simone Mateos. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

1. Divulgação científica. 2. Ciência – História. 3. Gestão do conhecimento. I. Título.

CDD 070.4
509
658.4038
ISBN 978-85-268-0875-1

Índices para catálogo sistemático:

1. Divulgação científica 070.4
2. Ciência – História 509
3. Gestão do conhecimento 658.4038

Título original: *El gozo intelectual*
Publicado originalmente em língua espanhola por
Tusquets Editores, Barcelona, Espanha, 2007.

Copyright © 2007 by Jorge Wagensberg
Copyright © 2009 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



GOBIERNO
DE ESPAÑA

MINISTERIO
DE CULTURA

Esta obra foi publicada com subvenção da Diretoria Geral do Livro,
Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Cultura da Espanha.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

meio de cultura

Nosso cotidiano é permeado de ciência e tecnologia. Mas o que é ciência? Como é feita? Quem a faz? E a tecnologia? A coleção Meio de Cultura traz textos que, em linguagem acessível a todos (e às vezes divertida), apresentam os caminhos e os descaminhos da ciência e da tecnologia. Neles encontramos histórias de sucessos e fracassos, contradições e embates, enigmas e polêmicas da ciência e da tecnologia na sociedade — uma bússola para explorar a cultura científica até as fronteiras do saber.

Dedicado aos que pensam que nada é mais importante do que o conhecimento, mas, sobretudo, aos que ainda não pensam assim.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	13
---------------	----

PRIMEIRA PARTE

A TEORIA

<i>As três fases de todo novo conhecimento e seus três gozos</i>	23
<i>A solidão radical do gozo intelectual</i>	49
<i>O gozo intelectual na criação e na educação</i>	57
<i>O gozo intelectual e a tristeza essencial do pensamento</i>	75
<i>Onde está exatamente o gozo intelectual?</i>	87
<i>Epílogo da teoria</i>	89

SEGUNDA PARTE

A PRÁTICA

1 VIVÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS.....	93
1. <i>O estranho casal</i>	93
2. <i>Hoje há ovos para o jantar</i>	95
3. <i>Peixe grande, peixe pequeno</i>	97
4. <i>Exatamente nada</i>	99

5. Quatro anos sem baixar a guarda e continua...	100
6. Duzentos e cinquenta mil solitários... e isolados	102
7. A travessia das iguanas	103
8. História progressiva, história regressiva	106
9. Amazônia, miséria e glória	109
2 SOBRE O COMUM E O DIVERSO	115
10. O mundo é inteligível porque não pode haver mais árvores do que galhos	115
11. É o mesmo, mas não é igual...	118
12. Olhando todos para o mesmo lado	120
13. K de Kao!	122
14. Mamãe tem dois emes e mariposa quatro sílabas	124
15. O clube dos hominídeos	130
16. Pureza, essa mescla de referência	133
17. A nação sexuada	136
18. Por cima, por baixo, só com os pés dentro e só com a cabeça fora	138
3 INTELIGIBILIDADE E BELEZA	141
19. Sobre a comovedora beleza dos cabelos-de-bruxa	141
20. A propósito da selvagem beleza sexual de uma célula fêmea de alga parda	146
21. A beleza da inteligibilidade científica	150
22. A vitrine hipercúbica de compreensão súbita	152
23. Todo o real é pensável	157
24. Três histórias breves sobre ver, crer e conhecer	159
25. ...E naquele dia pôde nascer a ciência	162
26. De quem é esta mão?	164
27. Baleeiros e naturalistas	166
4 SOBRE MISTÉRIOS E PRODÍGIOS	171
28. O mistério dos pássaros do Tapajós	171

29. <i>Prodígio no rio Xingu</i>	173
30. <i>Sim, mas... que fazia o pequeno dentro do grande?</i>	176
31. <i>Ninguém sabe o que significa a palavra Abkupfern no país</i>	178
32. <i>Io lo so! Ou por que os romanos faziam aquedutos</i>	180
33. <i>Sentado na beira da cama num quarto de hotel de Buenos Aires, justo um segundo antes da hora da verdade</i>	183
34. <i>Mistério no museu de zoologia</i>	187
35. <i>Kant e o grilo surdo</i>	192
36. <i>O recém-chegado</i>	195
5 TEMPO E MEMÓRIA.....	197
37. <i>Tenhamos presente que no futuro ainda não se sabe como vir ao passado</i>	197
38. <i>Nasce uma rocha</i>	200
39. <i>Memória ainda que seja só para voltar para casa</i>	202
40. <i>Espaço-tempo no Turó Park</i>	203
41. <i>Olhando o futuro nos olhos</i>	205
42. <i>Recordações de infância sobre a idade adulta</i>	208
43. <i>As quatro idades da humanidade</i>	212
44. <i>Tempo e espaço nas primeiras frases dos romances</i>	216
45. <i>O juiz Álvares se aposenta antes do previsto</i>	220
6 EM ESPANHOL, “MAL-ENTENDIDO” É UMA PALAVRA E “BEM ENTENDIDO” SÃO DUAS.....	223
46. <i>Que o chão se abra e me engula!</i>	223
47. <i>O virtuose</i>	228
48. <i>Os temíveis MMM</i>	229
49. <i>Buracos não tão negros</i>	234
50. <i>Ler por falar</i>	236
51. <i>Quanto mais Popper, menos Kuhn</i>	237
52. <i>A fragilidade da evidência acachapante</i>	240
53. <i>Tradição e síncope</i>	242
54. <i>A bifurcação</i>	245

7	CONVERSAR E ESPECULAR.....	249
55.	<i>Conversar, conversar</i>	249
56.	<i>A ciência tem um magnífico passado pela frente</i>	251
57.	<i>Isso é uma Califórnia!</i>	252
58.	<i>A prata de Potosí</i>	254
59.	<i>Ver-se cara a cara</i>	255
60.	<i>Potências de dez</i>	257
61.	<i>Conversa com a fronteira</i>	258
62.	<i>A formiga astronauta</i>	261
63.	<i>Gozo intelectual no restaurante La Balsa com inesperada réplica, dois anos depois, no restaurante Miski</i>	263
	ÍNDICE DE ASSUNTOS.....	273

PRÓLOGO

Este livro consta de duas partes: “A teoria”, de umas poucas páginas, e “A prática”, que se estende sobre muitas mais. Tal desproporção é coerente com o próprio conceito da teoria: prática condensada e depois depurada a partir da qual se pode pular para qualquer outra prática. O tamanho da teoria está definido, o da prática se estende indefinidamente... A teoria tende a ser universal e global, a prática sempre é particular e local. A teoria é necessária pelas dificuldades que se colocam quando se tenta saltar diretamente de um caso concreto a outro caso concreto. A teoria é uma tentativa de compacta construção global, mas os casos que a suportam, ou a desmentem, são sempre locais e inumeráveis. Por isso, a primeira parte do livro comprime, a segunda, descomprime.

“A teoria” é um ensaio sobre a aquisição de conhecimento. Mais de 30 anos tendo a ciência como atividade diária permitem condensar. Ao longo desse tempo, a pessoa vai formando uma ideia tácita de como se adquire novo conhecimento, mas

(maravilha da escrita) até que a pessoa não se põe a escrever, preto no branco, não desenha um esquema conceitual útil em algum sentido. A escrita, de fato, realimenta a reflexão: uma ideia escrita chama outras ideias não escritas. Assim ocorreu neste caso. A relação de qualquer ser humano com a aquisição de novo conhecimento remonta ao seu primeiro ano de existência e, para alguns, representa toda uma vida na escola e na universidade, como aluno e professor, e toda outra vida num museu como visitante e museólogo, criando ciência e transmitindo-a. Quis ordenar dentro de um único esquema conceitual as ideias que afloraram durante todos esses anos. Para estruturar esse esquema precisei de três conceitos fundamentais e um conceito-chave. Os três fundamentais são “estímulo”, “conversa” e “compreensão” ou “intuição”; e o são porque marcam, creio eu, as três fases fundamentais da aquisição de um novo conhecimento. O conceito-chave, por outro lado, é um conceito largamente intuído e vivido, mas nunca até agora havia chamado minha atenção. Ocorre-nos cada dia: confundimos o frequente com o compreendido. A normalidade não equivale à inteligibilidade. De tanto ver um objeto ou um fenômeno, de tanto sentir uma emoção, podemos chegar a convencer-nos de que são parte de nosso acervo de compreensões. É um convencimento tácito e errôneo devido, talvez, a que o inesperado e o ininteligível compartilham alguma coisa: ambos dão bastante medo. E, isso sim é certo, tanto o familiar como o inteligível têm a virtude de nos tirar o medo. O mencionado conceito-chave era muito familiar, sim, mas não se tratava, de forma alguma, de um conceito compreendido. Eu o denominarei “gozo intelectual”, e é chave porque serve como indicador para orientar e quem sabe também para empurrar todo o processo geral de aquisição de novo conhecimento.

Na expressão “novo conhecimento”, a palavra “novo” tem dois sentidos: quando o conhecimento é novo para uma mente concreta (a aprendizagem, a divulgação, a comunicação) e quando o conhecimento é novo para qualquer indivíduo (a investigação, a criação, a conquista intelectual). “A teoria” acaba afetando a ambos os aspectos porque sugere crítica ao que hoje fazemos nas escolas, universidades e museus. Bom, não é uma má notícia: uma reflexão tem interesse quando, por exemplo, é capaz de fabricar crítica. Comecei recordando que o particular engendra o universal, que, justamente por ser universal, tem licença para voltar sobre o local, mas, dessa vez, sobre todo o local. E assim foi neste caso. Ao voltar da teoria e aterrissar de novo na minha prática diária, dei de cara com uma situação que já não posso esquecer: agora eu mudaria quase tudo nas escolas, universidades e museus.

“A prática” reúne episódios concretos. São histórias e reflexões dos afazeres diários de um cientista ocorridas nos últimos dez anos. Recompilar artigos num livro não tem nada de mau. Muito pelo contrário: se a seleção é boa e harmoniosa, o resultado constitui por si um gênero dentro do ensaio, um resultado que supera muitas outras fórmulas que se empenham em dilatar, superdimensionar, sobredignificar e sobre-documentar as ideias. Mas este livro não é uma recopilação de artigos, porque, ainda que dois terços das histórias e reflexões tenham sido publicados entre 1998 e 2006, os textos não são os mesmos. As histórias aparecem aqui reescritas e reconnectedas entre si como partes de um novo todo que gravita em torno do gozo intelectual. As histórias sugerem, ilustram, mostram, às vezes, inclusive, demonstram, embora o que um pedaço de realidade faça melhor seja refutar. A segunda parte deste livro é uma seleção de 63 textos e, sobre eles, se destila

a primeira. Todas as histórias têm a ver com a aquisição de conhecimento, mas com uma especial vontade de exercitar as noções de estímulo, conversação, compreensão e gozo intelectual. Salvo quando a leitura indique claramente outra coisa, trata-se de histórias reais ocorridas durante os dez últimos anos. Foram dez anos de ciência centrados no museu da ciência CosmoCaixa e na Universidade de Barcelona. A pesquisa, a concepção de exposições, as conferências, os cursos, os debates e outras atribuições são atividades nas quais surgem o estímulo, a conversação, a compreensão, a intuição e o gozo intelectual e, tudo isso, numa grande variedade de casos e situações. Dois terços dessas histórias foram publicados no jornal *El País* ou nas revistas *La Recherche*, *Métode* e *Revista de Física*. Entretanto, todas, em maior ou menor medida, foram reescritas por várias razões. Uma primeira razão é que as histórias não acabam necessariamente porque alguém as escreve, portanto uma particular história pode muito bem continuar até um desfecho que anule o desfecho publicado inicialmente (é o caso de “Mistério no Museu de Zoologia” ou de “Buracos não tão negros”). Outra razão é que a história ainda esteja viva do ponto de vista do gozo intelectual e continue dando réplicas relevantes de gozo (é o caso de “Gozo intelectual no restaurante La Balsa com inesperada réplica, dois anos depois, no restaurante Miski”). Em outras ocasiões, a continuação da história chega a inverter a conclusão uma ou várias vezes e as coisas não podem ficar assim (como em “Amazônia, miséria e glória”). Também é possível que a mesma história se explique sob uma perspectiva diferente, por exemplo, mais a partir dos bastidores do que a partir do espetáculo da inteligência (é o caso de “Sentado na beira da cama num quarto de hotel de Buenos Aires, justo um segundo antes da hora da verdade”).

Às vezes, a história em questão é, na verdade, toda uma família de histórias cuja compreensão radica no que compartilham. E acontece que tais histórias continuam ocorrendo e vale a pena acrescentar alguma delas à família (é o caso de “Que o chão se abra e me engula”). Algumas histórias se enriquecem com uma última frase que sugere uma nova compreensão e inclusive novo gozo intelectual (é o caso de “Memória, ainda que seja só para voltar para casa”). Também pode ocorrer que uma história seja afetada por outra que convida a uma nova reflexão e, através desta, a uma mudança de opinião! Atenção, porque mudar de opinião devido a uma nova compreensão, e ainda mais se esta chega com gozo intelectual incluído, não é uma demonstração de debilidade nem supõe uma redução na credibilidade do intelectual, mas, ao contrário, é uma demonstração de força e uma garantia de credibilidade (é o caso de “O mundo é inteligível porque não pode haver mais árvores que galhos”).

Por outro lado, acontece que as histórias de uma primeira seleção se influenciaram mutuamente e geraram outras novas por pura fecundação. Em efeito, outras histórias reais, que vagavam inéditas pela memória, afloram agora ante a chamada das demais (é o caso de “Tradição e síncope”, de “Sobre a comovedora beleza dos ‘cabelos-de-bruxa’” ou de “A pureza, essa mescla de referência”). O terço restante é totalmente inédito. Alguns dos textos já não são uma história, mas uma reflexão que se constrói sobre uma ou várias das histórias.

Digamos, finalmente, que os 63 textos da seleção final também repousaram juntos durante um mês na mesma pasta e que, só por isso, continuaram reagindo entre si. Dir-se-ia que os textos se leram uns aos outros e que acabaram cruzando estímulos, conversações e compreensões. Duas foram as consequências dessa frutífera promiscuidade na apresentação final do livro.

Em primeiro lugar, surgiram novas frases ou parágrafos em letra cursiva que precedem ou sucedem alguns textos e que podem cumprir diferentes funções. Por exemplo: tecer relações entre as histórias e entre estas e o conjunto; por exemplo: ambientar o cenário onde se produziu uma história ou o cenário onde foi escrita; por exemplo: contar uma história como preâmbulo se o que segue é uma reflexão; por exemplo: abrir fogo com um aforismo; por exemplo: servir como reflexão de última hora; por exemplo: dar pistas sobre outras compreensões, outras intuições ou outros gozos intelectuais. A letra cursiva irrompeu, pois, nestas páginas, com certa frescura, quando a outra letra já estava instalada ali.

E, em segundo lugar, acontece que os 63 textos se reagruparam por simpatia em sete famílias de nove membros cada uma. Cada família, como toda boa família, tem seu nome e cada nome, como todo bom nome, alude no mínimo a um conceito relevante, o qual, como todo bom conceito relevante, merece também um comentário compacto como um aforismo. As sete famílias são: “I. Vivências e sobrevivências”: Que conhecimento não tem a ver com viver, sobreviver, conviver e “sobreconviver”?; “II. Sobre o comum e o diverso”: Que compreensão não tem a ver com o discernimento entre uma coisa e a outra?; “III. Inteligibilidade e beleza”: Que gozo intelectual não tem a ver com a inteligibilidade concebida como a beleza externa das coisas e com a beleza concebida como a inteligibilidade interna das coisas?; “IV. Sobre mistérios e prodígios”: Que investigação não versa sobre um mistério que medeia entre dois prodígios, um no mundo real, onde nasce, e outro no mundo das ideias, onde morre?; “V. Tempo e memória”: Que tipo de conhecimento pode prescindir da ideia de mudança e o que é o tempo senão a ideia com a qual medir a mudança?;

“VI. ‘Mal-entendido’ é uma palavra e ‘bem entendido’ são duas”: que tipo de conversação se trava a partir disso?; e “VII. Conversar e especular”: Impossível refletir sem especular! Vários dos 63 textos podem reclamar o direito de pertencer a qualquer uma ou a várias das outras famílias. Quantos reagrupamentos distintos são possíveis segundo essas mesmas sete famílias? O exercício tem um interesse duplo: não pode ser feito sem acabar de ler o livro ou sem começar a praticá-lo.

Epílogo do prólogo. Um bom todo não é a soma simples de suas partes. O conceito de inovação talvez exista por essa razão. O todo só é a soma de suas partes quando estas não interagem entre si. A interação entre partes, em contrapartida, pode dar novos todos. Numa boa omelete espanhola, por exemplo, percebe-se algo muito especial, muito novo e muito característico, que não está no ovo, nem na batata, nem na cebola, nem no azeite de oliva, nem no sal, mas sim em algum canto da conjunção de tudo isso. A fase final da preparação de um livro para nutrir o intelecto se parece um pouco com a fase final da preparação de um prato para nutrir o corpo. É o momento de precipitar acontecimentos: elementos pré-pensados e pré-cozidos se encontram na última etapa do processo. Convergem as ideias, os aromas e os sabores prévios. Talvez chegue inclusive a hora de dar uma última cozinhada conjunto (reflexão). Tampouco se descarta um detalhe decorativo, um último toque antes de levar o prato à mesa (o manuscrito à editora). A fase final deste texto foi preparada numa praia no inverno tropical. Como é inverno, não há ninguém. Como é tropical, não faz frio. Pela manhã, passeio, à tarde, trabalho. Ou ao contrário.

*Praia da Fortaleza, Ubatuba (Brasil)
agosto de 2006*

